

I

Durante muito tempo fui para a cama cedo. Por vezes, mal apagava a vela, os olhos fechavam-se-me tão depressa que não tinha tempo de pensar: «Vou adormecer.» E, meia hora depois, era acordado pela ideia de que era tempo de conciliar o sono; queria poisar o volume que julgava ter nas mãos e soprar a chama de luz; dormira, e não parara de reflectir sobre o que acabara de ler, mas tais reflexões haviam tomado um aspecto um tanto especial; parecia-me que era de mim mesmo que a obra falava: uma igreja, um quarteto, a rivalidade entre Francisco I e Carlos V. Esta crença sobrevivia alguns segundos ao despertar; não me chocava a razão, mas pesava-me nos olhos como escamas, e impedia-os de verificar que a palmatória já não estava acesa. Depois começava a tornar-se-me ininteligível, tal como, após a metempsicose, os pensamentos de uma existência anterior; o assunto do livro soltava-se de mim, e ficava livre de me adaptar ou não a ele; logo recuperava a vista, e ficava muito admirado de encontrar em meu redor uma obscuridade, doce e repousante para os olhos, mas talvez ainda mais para o espírito, ao qual se revelava como coisa sem causa, incompreensível, como coisa verdadeiramente obscura. A mim mesmo perguntava que horas poderiam ser; ouvia o apito dos comboios que, mais ou menos afastado, como o cantar de um pássaro numa floresta, acentuando as distâncias, me descrevia a extensão dos campos desertos onde o viajante se apressa para a próxima paragem; e o estreito caminho por onde segue vai ficar-lhe gravado na memória pela excitação que deve a lugares novos, a actos inusitados, à conversa recente e às despedidas à luz do candeeiro alheio, que o acompanham ainda no silêncio da noite, à doçura próxima do regresso.

Encostava ternamente as minhas faces às belas faces do travesseiro, que, cheias e frescas, são como que as faces da nossa infância.

Riscava um fósforo para olhar para o relógio. Não tardaria a ser meia-noite. É o momento em que o doente que foi obrigado a partir de viagem e teve de dormir num hotel desconhecido, despertado por uma crise, rejubila ao distinguir debaixo da porta uma tira de luz. Que alegria, já é manhã! Daqui a pouco os criados estarão a pé. Poderá tocar a campainha, alguém virá socorrê-lo. A esperança de ser aliviado dá-lhe coragem para sofrer. Precisamente, julgou ouvir passos; os passos aproximam-se e depois afastam-se. E a tira de luz que havia debaixo da porta desapareceu. É meia-noite; acabam de apagar o gás; foi-se embora o último criado e terá que ficar toda a noite a sofrer sem remédio.

Readormecia, e por vezes tinha apenas curtos instantes despertos, apenas o tempo de ouvir os estalidos orgânicos das madeiras, de abrir os olhos para fitar o caleidoscópio da obscuridade, de saborear, graças a um momentâneo clarão de consciência, o sono que submergia os móveis, o quarto, o todo do qual eu não passava de uma pequena parte e a cuja insensibilidade depressa tornava a juntar-me. Ou então, dormindo, fora sem esforço ao encontro de uma idade para sempre passada da minha vida primitiva, deparara com um dos meus terrores infantis, como aquele de o meu tio-avô me puxar pelos caracóis do cabelo e que se dissipara no dia — que para mim marcava uma nova era — em que mos haviam cortado. Esquecera-me do acontecimento durante o sono e recuperara essa recordação mal conseguira acordar para escapar às mãos do meu tio-avô, mas por medida de precaução cingia completamente a cabeça com o travesseiro antes de volver ao mundo dos sonhos.

Por vezes, tal como Eva nasceu de uma costela de Adão, durante o sono nascia-me uma mulher de uma falsa posição da coxa. Formada do prazer que estava prestes a saborear, imaginava que era ela que me oferecia. O meu corpo, que sentia no seu o meu próprio calor, queria juntar-se-lhe, e acordava. Os restantes humanos revelavam-se-me bem distantes, comparados com aquela mulher que havia deixado apenas alguns momentos antes; tinha ainda a face quente do seu beijo, o corpo lasso do peso do seu corpo. Se, como às vezes acontecia, ela tinha as feições de uma mulher que eu conhecera na vida real, ia entregar-me inteiramente a este objectivo: reencontrá-la, como os que partem de viagem para ver com os próprios olhos uma cidade desejada e imaginam que se pode saborear numa certa realidade o encanto da fantasia. A pouco e pouco, a memória dela desvanecia-se, e tinha esquecido a rapariga do meu sonho.

Um homem que dorme tem em círculo à sua volta o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Consulta-os instintivamente ao acordar, e neles lê num segundo o ponto da terra que ocupa, o tempo que decorreu até ao seu despertar; mas as respectivas linhas podem misturar-se, quebrar-se. Basta que, já de manhã, depois de uma insónia qualquer, o sono o invada enquanto lê, numa posição muito diferente daquela em que habitualmente dorme, basta que tenha o braço levantado para deitar e fazer recuar o sol, e ao primeiro minuto depois de acordar já não saberá que horas são, julgará que mal acaba de se deitar. Se se deixar dormir numa posição ainda mais deslocada e divergente, por exemplo, sentado num cadeirão depois do jantar, então a perturbação será completa nos mundos desorbitados, o cadeirão mágico fá-lo-á viajar a toda a velocidade no tempo e no espaço e, no momento de abrir as pálpebras, irá julgar-se deitado alguns meses antes noutra país. Mas bastava que, na minha própria cama, o meu sono fosse profundo e me distendesse completamente o espírito; então, este deixava escapar o mapa do lugar onde adormecera e, quando acordava a meio da noite, como não sabia onde estava, ignorava até, no primeiro instante, quem era; tinha apenas, na sua simplicidade primitiva, a sensação da existência como ela pode fremir no fundo de um animal; estava mais carecido que o homem das cavernas; mas então a lembrança — não ainda do lugar onde estava, mas de alguns outros que habitara ou onde poderia estar — ocorria-me como um auxílio vindo do alto para me tirar do nada donde não poderia sair sozinho; passava num segundo por cima de séculos de civilização, e a imagem confusamente entrevista de candeeiros a petróleo, e, depois, de camisas de colarinho revirado, recompunha a pouco e pouco as feições originais do meu eu.

Talvez a imobilidade das coisas à nossa volta lhes seja imposta pela nossa certeza de que são elas e não outras, pela imobilidade do nosso pensamento diante delas. Mas a verdade é que, quando acordava assim, com o espírito a agitar-se para procurar saber onde estava sem o conseguir, tudo girava em redor de mim na escuridão, as coisas, as terras, os anos. O meu corpo, por demais entorpecido para se mexer, procurava, consoante a forma da sua fadiga, determinar a posição dos seus membros para deles induzir a direcção da parede, o lugar dos móveis, para reconstruir e dar nome ao lugar onde se achava. A sua memória, a memória das suas costelas, dos seus joelhos, dos seus ombros, apresentava-lhe sucessivamente diversos quartos onde dormira, enquanto em seu redor as paredes invisíveis, mudando de lugar consoante a forma do quarto imaginado, rodopiavam nas trevas. E antes

até de o meu pensamento, que hesitava no limiar dos tempos e das formas, ter identificado a casa reunindo as circunstâncias, ele — o meu corpo — recordava-se para cada um do género de cama, da localização das portas, da entrada de luz das janelas, da existência de um corredor, juntamente com a ideia que tinha ao adormecer ali e que reencontrava ao acordar. O lado do meu corpo ancilosado, procurando adivinhar a sua orientação, imaginava-se, por exemplo, estendido diante da parede numa grande cama de baldaquino, e eu pensava imediatamente: «Olha, acabei por adormecer, apesar de a minha mãe não me ter vindo dar as boas-noites»; estava no campo em casa do meu avô, que morrera muitos anos antes; e o meu corpo e o lado sobre o qual me apoiava, guardiães fiéis de um passado que o meu espírito nunca deveria ter esquecido, recordavam-me a chama da lamparina de cristal da Boémia, em forma de urna, suspensa do tecto por umas correntinhas, a chaminé de mármore de Siena, no meu quarto de dormir de Combray, em casa dos meus avós, em dias distantes que nesse momento se me afiguravam actuais sem os imaginar com exactidão, e que melhor tornaria a ver daí a pouco, quando estivesse totalmente desperto.

Depois renascia a recordação de uma nova atitude; a parede fugia noutra direcção: estava no meu quarto em casa da senhora de Saint-Loup, no campo; meu Deus! São pelo menos dez horas, devem ter acabado de jantar! Devo ter prolongado excessivamente a sesta que faço todas as tardes ao regressar do meu passeio com a senhora de Saint-Loup, antes de vestir a casaca. É que passaram muitos anos depois de Combray, onde, nos nossos regressos mais tardios, eram os reflexos vermelhos do poente que eu via nos vidros da janela. É outro género de vida o que se leva em Tansonville, em casa da senhora de Saint-Loup, é outro género de prazer o que sinto em só sair à noite, em seguir à luz do luar por aqueles caminhos em que outrora brincava ao sol; e o quarto onde devo ter adormecido em vez de me vestir para jantar, avisto-o de longe, quando regressamos, atravessado pelos lampejos do candeeiro, único farol na noite.

Estas evocações rodopiantes e confusas nunca duravam mais que alguns segundos; muitas vezes, a minha breve incerteza do lugar onde me encontrava não distinguia umas das outras as diversas suposições de que era feita, tal como não somos capazes de isolar, ao ver um cavalo a correr, as posições sucessivas que o cinetoscópio nos mostra. Mas eu revira ora um, ora outro dos quartos que habitara na minha vida, e acabava por me recordar de todos eles nos longos devaneios que se seguiam ao despertar: quartos de Inverno onde, quando estamos

deitados, aconchegamos a cabeça num ninho que tecemos com as coisas mais diversas — o canto de um travesseiro, a dobra das cobertas, a ponta de um xaile, a beira da cama e um número dos *Débats Roses*, que acabamos por amassar juntos segundo a técnica das aves, calcando indefinidamente; ou, num tempo glacial, o prazer que se saboreia é o de nos sentirmos separados do exterior (como a andorinha-do-mar que tem o seu ninho ao fundo de um subterrâneo no calor da terra) e onde, com o fogo mantido toda a noite na chaminé, dormimos num grande manto de ar quente e fumoso, atravessado pelos clarões das brasas que se reacendem, uma espécie de impalpável alcova, de quente caverna cavada no seio do próprio quarto, zona ardente e móvel nos seus contornos térmicos, arejada de sopros que nos refrescam a cara e vêm dos cantos, das partes próximas da janela ou afastadas da lareira e que arrefeceram; quartos de Verão, onde gostamos de estar unidos à noite morna, onde o luar encostado às portadas entreabertas lança até aos pés da cama a sua escada encantada, onde dormimos quase ao ar livre, como o melharuco baloiçado pela brisa na extremidade de um raio de luz; às vezes o quarto Luís XVI, tão alegre que nem sequer na primeira noite me sentira lá muito infeliz, e onde as colunetas que sustentavam airoso o tecto se afastavam com tanta graciosidade para apontar e reservar o lugar da cama; às vezes, pelo contrário, o outro, pequeno e de tecto tão alto, cavado em forma de pirâmide na altura de dois andares e parcialmente revestido de mogno, onde desde o primeiro segundo fora moralmente intoxicado pelo aroma desconhecido do vetiver, convencido da hostilidade das cortinas roxas e da insolente indiferença do relógio que pairava alto como se eu não estivesse ali; onde um estranho e impiedoso espelho de pé, de forma quadrangular, barrando obliquamente um dos cantos da sala, ocupava nítido na doce plenitude do meu usual campo de visão uma localização que nele não estava prevista; onde o meu pensamento, esforçando-se durante horas por se desconjuntar, por se estender em altura para assumir exactamente a forma do quarto e conseguir encher até acima o seu gigantesco funil, suportara noites bem duras, comigo estirado na cama, de olhos erguidos, ouvidos ansiosos, narinas indóceis, coração aos pulos: até que o hábito alterou a cor das cortinas, calou o relógio, ensinou a compaixão ao espelho oblíquo e cruel, dissimulou, se é que não expulsou por completo, o cheiro do vetiver e diminuiu notavelmente a altura aparente do tecto. O hábito! Acomodador hábil mas muito lento, e que começa por deixar que o nosso espírito sofra durante semanas numa instalação provisória; mas que, apesar de tudo, o nosso espírito fica feliz por encontrar, porque, se